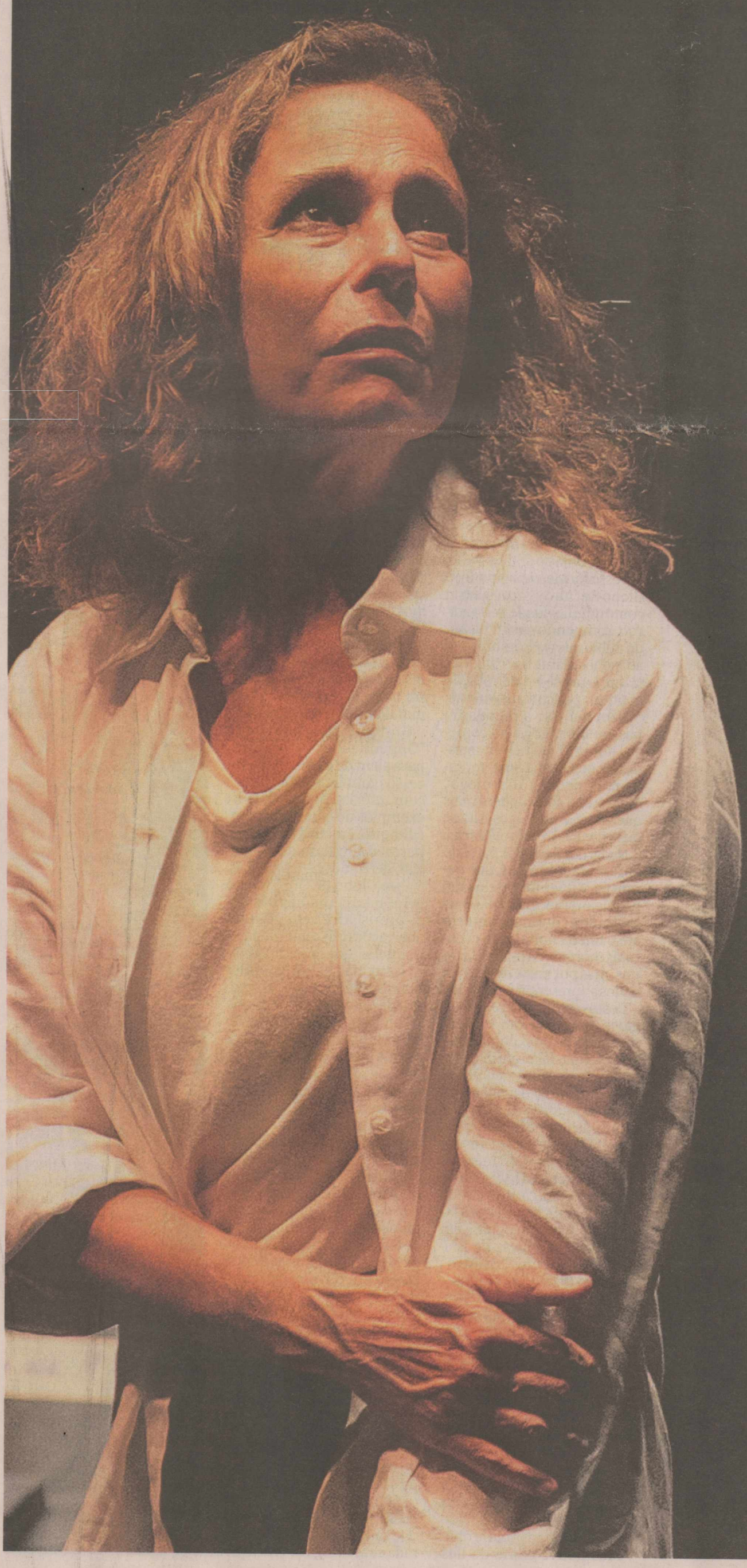
FOLHA DE S.PAULO
TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 2024 C1



Porão da memória

Nos 60 anos do golpe, Andrea Beltrão encena peça sobre ditadura, fala sobre saída da Globo e política cultural de Lula

Gustavo Zeitel

RIO DE JANEIRO Com Andrea Beltrão, o espetáculo é sempre agora. Terminado um ensaio da peça "Lady Tempestade", agora em cartaz no Teatro Poeira, em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro, ela é rodeada por dezenas de jovens. Eles nem precisavam dizer que estudavam artes cênicas. Essa é uma gente que se identifica de longe. Desse pessoal descolado, emanava um certo deslumbramento. Afinal, todos haviam aprendido que a exuberância de uma atriz não se encerra em cena.

Beltrão tem 60 anos de praia e quatro décadas de tablado. Ela é sincerona e não para quieta. Tem a pele dourada, a forma esguia e as pontas espevitadas de seus cabelos são próprias de quem lê três jornais religiosamente todos os dias.

Sua rotina se divide entre o cinema, a próxima novela das seis — a última trabalhando como funcionária da TV Globo, ela afirma ao repórter — e o teatro político. Beltrão é um mulherão. "Foram 43 anos de uma puta relação maravilhosa com a Globo. É assim que está acontecendo com todos, a contratação por obra, não é uma coisa pessoal comigo nem poderia ser", afirma ela, bebericando uma xícara de café. "Agora eu vou encenar um dos temas da minha vida."

Com texto de Silvia Gomez e direção de Yara de Novaes, "Lady Tempestade" conta a história da advogada pernambucana Mércia Albuquerque, defensora de 500 presos políticos da ditadura militar.

A peça examina as páginas de seu diário, recém-publicado pela editora Potiguariana sob o título de "Diários de Mércia Albuquerque". O nome da peça faz referência a uma frase de Albuquerque sobre a mãe — "minha mãe é bonança, eu, não, sou tempestade".

Continua na pág. C4

A atriz Andrea Beltrão na peça 'Lady Tempestade' Gil Tuchtenhagen

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

TUDO CERTO

Aliados do presidente Lula (PT) minimizaram publicamente a ausência do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), na cerimônia que marcou um ano dos ataques golpistas de 8 de janeiro. O ato ocorreu na segunda (8), em Brasília.

CERTO 2 Lira, que havia sido escalado como um dos oradores da solenidade, cancelou sua presença alegando problemas de saúde na família. Para alguns petistas, o fato de o parlamentar ter apresentado uma justificativa o isentaria de ser associado a opositores que buscaram esvaziar o evento propositalmente.

ATESTADO "Ele foi para as redes sociais e assumiu claramente a defesa do ato. Até porque não podia ser diferente, né? Ele é presidente de um Poder, e esse Poder foi brutalmente atacado", afirma a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, que discursou no evento representando os demais chefes das unidades da federação.

JOIO E TRIGO O ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira, também acolhe a justificativa apresentada pelo presidente da Câmara, mas condena aqueles que optaram pela ausência, como foi o caso de governadores alinhados ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

REGISTRO "Aqueles que não vieram no ato vão marcar o seu nome na história do Brasil assim como aqueles que votaram contra a eleição direta no Congresso Nacional durante a ditadura militar", diz Teixeira à coluna.

TRINCHEIRA O deputado federal Tarcísio Motta (PSOL-RJ) tem buscado ministros do governo Lula para articular a construção de um programa de redução de acidentes e fatalidades em treinamentos militares no Brasil.

TRINCHEIRA 2 O tema ganhou a atenção do psolista depois que um jovem de 18 anos morreu durante seu segundo dia como recruta no 1º Batalhão de Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, em 2023. Familiares afirmam que o rapaz foi submetido a um treinamento excessivo realizado sob sol intenso.

DIPLOMA "Nós não negamos que tenha que haver treinamento e que ele inclui esforço físico. Mas a tortura é outra coisa. Que tipo de formação você está dando para um oficial que vai usar a força legítima do Estado?", questiona o psolista. "Tem que haver uma resposta institucional."

TELINHA O cientista político e sociólogo Antonio Lavareda é o mais novo contratado da CNN Brasil. Ele irá comandar o quadro Índice CNN, em que apresentará dados e análises sobre as eleições municipais deste ano. O programa será semanal, dentro do jornal Brasil Meio-Dia, e tem estreia prevista para o dia 31 deste mês.

TELINHA 2 Lavareda também será o responsável por uma plataforma de dados com pesquisas agregadas, que levará o mesmo nome do seu quadro na TV, "Índice CNN", e estará disponível na página de cobertura do pleito que a emissora divulgará em breve.



Cadu Franco/Divulgação

A atriz e modelo internacional Dani Gondim vai se lançar como cantora. Ela assinou com a gravadora D&E Records para desenvolver um álbum, que deverá chegar ao público neste ano. O convite surgiu após a artista compor e cantar, ao lado do músico Marcinho, "Nuvens de Chantilly". A canção foi feita para o curta-metragem de mesmo nome em que Dani também atua. "Cantar sempre foi um lugar de muita liberdade para mim. Agora tenho que transformar essa sensação, que sempre foi de conforto, e colocar uma tensão profissional nela", diz

ALTA O baixista Rinaldo Oliveira Amaral, o Mingau, da banda Ultraje a Rigor, recebeu alta na segunda-feira (8) do hospital São Luiz do Itaim, da Rede D'Or, em SP. Baleado na cabeça em Paraty, no litoral sul do Rio de Janeiro, ele estava internado na unidade desde o dia 3 de setembro do ano passado.

ALTA 2 Mingau seguirá o tratamento em uma clínica de retaguarda escolhida pela família. Segundo a equipe médica, o baixista saiu acordado e sem sedação, respirando espontaneamente e com "boa evolução do quadro neurológico".

ESTANTE O cantor e compositor Nando Reis vai lançar no fim deste mês o livro "Pré-Sal". Editado pela WMF Martins Fontes, a obra leva o nome da música que abre o disco "Sei", de 2012, e reproduz um caderno que começou a ser desenvolvido pelo artista cerca de dois anos após a canção.

ESTANTE 2 No trabalho, Nando recompõe sua infância e adolescência por meio de desenhos, colagens, pinturas e outras experimentações estéticas. "As imagens, antes construídas por palavras, voltam em figurações visuais", escreve Eucanaã Ferraz no prefácio.

PALCO Os atores Pedro Cardoso e Grace Gianoukas estão entre os indicados na categoria performance do Prêmio Prio do Humor de São Paulo, idealizado por Fábio Porchat. Eles concorrem por suas atuações nos espetáculos "O Recém-Nascido" e "Dercy de Verdade", respectivamente.

TROFÉU Também estão na disputa Fafy Siqueira, Maurício de Barros, George Sauma, Alexia Twister, Edyelle Brandão, Thiago Ventura e Rodrigo Fagundes. Escolhidos por um júri, os vencedores serão conhecidos no dia 21 de março.

com Bianka Vieira (interina), Karina Matias e Manoella Smith; colaborou Geovana Oliveira

Globo de Ouro é grande vencedor ao dar as costas para seu passado

Apesar da festa de 'Oppenheimer' e 'Succession', prêmio teve o maior saldo positivo ao evitar escândalos

OPINIÃO

Leonardo Sanchez

O grande vencedor da 81ª edição do Globo de Ouro, realizada no último domingo, foi o próprio Globo de Ouro.

Os cinco troféus conquistados por "Oppenheimer", ou os quatro de "Succession", os títulos mais vitoriosos, ficaram ofuscados numa noite que serviu para reabilitar a premiação mais popular de Hollywood depois do Oscar e do Emmy.

Imerso em escândalos há três anos, quando uma bomba atômica em forma de reportagem do Los Angeles Times pôs a lisura do prêmio em xeque, com denúncias de corrupção, compra de votos e racismo, o Globo de Ouro agora parece ter feito as pazes com as indústrias de cinema e TV.

Foi o que mostrou a sua festa de domingo, em Los Angeles, que viu estrelas do calibre de Emma Stone, Meryl Streep, Leonardo DiCaprio e até o sempre politicamente correto Mark Ruffalo se juntarem para celebrar a ideia de ter seu nome vinculado ao Globo.

Para atrair esses nomes, foi preciso passar o prêmio da antiga Associação de Imprensa Estrangeira para as produtoras Penske Media e Eldridge, diversificar e aumentar o quadro de votantes de 90 para 300 integrantes e fazer um mea-culpa meia-boca na cerimônia do ano passado.

Dessa forma, repaginado, o Globo de Ouro se apresentou como uma novidade nesta edição, rompendo com o passado dúbio que o assombrava — ao menos diante das câmeras, já que o processo de votação continua pouco transparente.

Nem por isso a premiação passou ilesa. Logo no começo, Robert Downey Jr. agradeceu aos jornalistas votantes por "mudarem o seu jogo". Mas foi só isso. Ninguém mais que subiu ao palco quis criticar ou brincar com as polêmicas.

Nada, também, por parte do apresentador Jo Koy, que penou para quebrar o gelo logo no início da cerimônia — o gelo, porém, continuou intacto até o fim da noite, com eventuais momentos mais relaxados, mas por parte dos convidados a apresentar categorias.

Rostos estrelados, constrangidos, se alternavam na montagem inicial da exibição, conforme as piadas eram disparadas, e Koy, sozinho no palco, ria das próprias sacadas. Seu monólogo de abertura foi dos piores da memória recente.

Greta Gerwig fez a maior das caretas, quando definiram seu filme de pretensão feminista, "Barbie", como a história de "uma boneca com peitões". O pênis de Barry Keoghan, em "Saltburn", e o nariz de Bradley Cooper, em "Maestro", também foram lembrados.

Christopher Nolan e Martin Scorsese foram outros diretores que não pareceram gostar das piadas com "Oppenheimer" e "Assassinos da Lua das Flores". O primeiro ficou com cara de poucos amigos ao ser questionado sobre quando a próxima temporada do filme sairia. O segundo não conseguiu enganar quando disseram que a premissa de seu filme foi roubada dos indígenas — algo já reconhecido, com sutileza, na própria obra.

Mas houve clima de descontração entre os presentes, ainda assim, e brincadeiras com o álcool servido aos montes. Deu a entender que os braços estão abertos para o Globo de Ouro, embora a cerimônia tenha sido apenas a primeira etapa da batalha.

A segunda acontecerá na noite do Oscar, no dia 10 de março, quando o público saberá se ele ainda serve como termômetro da temporada de prêmios hollywoodianos ou se é algo isolado, que não reflete os ânimos da indústria.

No ano passado, seus dois grandes vencedores — "Os Fabelmans", de Steven Spielberg, e "Os Banshees de Inisherin", de Martin McDonagh — saíram do Oscar de mãos vazias.

Neste ano, parece mais fácil prever o que vai acontecer, já que o Globo de Ouro de melhor filme de drama, para "Oppenheimer", pode ser lido também como um obrigado de um cinema americano em crise para um dos campeões de bilheteria do ano passado.

"Barbie", mesmo que preterido em relação a "Pobres Criaturas", levou como prêmio de consolação a nova categoria de melhor realização cinematográfica e de bilheteria. É provável que fique em segundo plano também no Oscar, onde não há distinção entre drama e comédia e, portanto, espaço extra para acomodar alguém junto a "Oppenheimer".

O longa de Christopher Nolan é também uma escolha segura, quase unânime, e visa o apaziguamento após os ânimos exaltados que se impuseram sobre Hollywood por metade do ano passado, quando as greves de roteiristas e atores criaram animosidade entre estas categorias e quem manda no cinema e na TV.

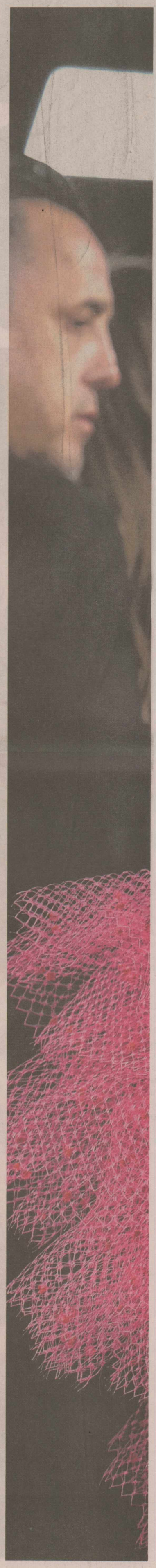
Goste ou não, fato é que "Oppenheimer" e "Barbie", para além de bem-vindos sucessos comerciais, são filmes com autoria e personalidade, exemplos do cinema-espetáculo que, em anos recentes, pareceu limitado a sequências, derivados e super-heróis.

Este Globo de Ouro foi, no geral, uma cerimônia bastante previsível e sem grandes aberrações e excentricidades, daquelas que fizeram muita gente não se surpreender quando denúncias de compra de votos vieram à tona.

Talvez o maior choque tenha vindo com Justine Triet, que ganhou a categoria de melhor roteiro em cima desses três longas lembrados, pelo vencedor da Palma de Ouro "Anatomia de uma Queda". Escolha inesperada, mas não apenas defensável, como correta.

Esta edição foi também uma oportunidade para mostrar que o quadro de votantes totalmente branco, antes da explosão dos escândalos, ficou para trás, com vitórias importantes em termos de representatividade — e merecidíssimas — para os asiáticos Steven Yeun e Ali Wong, de "Treta", para a indígena Lily Gladstone, de "Assassinos da Lua das Flores", e para as negras Da'Vine Joy Randolph, de "Os Rejeitados", e Ayo Edebiri, de "O Urso".

Talvez seja sinal de mudanças reais, talvez seja só reflexo do momento atual da indústria. Essa resposta virá com o tempo, mas o saldo até agora é positivo para o Globo de Ouro, que ganhou mais uma temporada em sua saga de redenção.





Margot Robbie no tapete vermelho do Globo de Ouro
Mike Blake/Reuters

Atores fazem bagunça para celebrar seus prêmios após a transmissão

Fernanda Ezabella

LOS ANGELES Enquanto os convidados ilustres do Globo de Ouro jantavam bacalhau com molho de missô do Nobu, em mesas fartas de Moët & Chandon, os jornalistas que cobriam o evento passavam por uma noite mais tradicional à base de cerveja, lasanha vegetariana e muitos biscoitos, que só duraram duas horas e logo foram retirados.

Quem poderia comer com o desfile de estrelas pelo salão? Uma das surpresas da noite foi a francesa Justine Triet, de "Anatomia de uma Queda", que bateu "Barbie", "Oppenheimer" e "Assassinos da Lua das Flores" para levar o prêmio de melhor roteiro e de filme em língua não inglesa.

"Claro que é impressionante para mim. Estou tão feliz. São todos diretores geniais", disse Triet, diretora e roteirista. Ela contou aos jornalistas que sabe se a protagonista, interpretada por Sandra Hüller, matou ou não o marido, mas que era importante não falar sobre isso nas filmagens. O segredo segue até hoje.

Quando Triet estava prestes a sair do palco, uma jornalista aproveitou para gritar uma última perguntinha. "Mas ela matou?" E Triet provocou de volta. "Conto daqui a dez anos!"

Paul Giamatti, melhor ator em comédia pelo papel de professor ranzinza em "Os Rejeitados", disse que era um estudante esquisito quando jovem e que matava muita aula. "Mas eu ia para a biblioteca. Ia atrás de coisas que não deveria ler, ficção científica e horror."

Jeremy Allen White, da série "O Urso", foi lembrado de sua campanha sexy de cueca para a Calvin Klein, lançada há dois dias.

"Se você olhar de novo [para a foto da campanha], vai ver que o elenco todo de 'O Urso' está lá", brincou Ayo Edebiri, vencedora do prêmio de atriz de comédia.

White diz que não sabe de nada sobre o futuro de seu personagem, o chef Carmy, mas, se ele conseguir sair do freezer onde ficou trancado no último episódio, acha que merece ter uma conversa franca com Claire, interpretada por Molly Gordon.

O elenco de "Succession", grande vencedor da noite entre os indicados de televisão, fez bagunça. Kieran Culkin, que venceu melhor ator de drama, pegou o microfone para perguntar ao colega Matthew Macfadyen, o vencedor de melhor coadjuvante, quem era de fato o mais alto do elenco —uma piada interna com Nicholas Braun, o primo Greg, que tem mais de dois metros de altura.

"Sinto saudade da nossa dupla Tom e Greg", disse Macfadyen, sobre seu personagem, Tom Wambsgans. "Mas somos amigos pessoais. Temos nossos momentos de Tom e Greg."

O elenco de "Treta" comemorou a vitória de melhor minissérie e também de atriz para Ali Wong e de ator para Steven Yeun. "Se teremos uma segunda temporada, depende da Netflix. Há muitas histórias que gostaria de escrever", disse o criador, Lee Sung Jin.

Ali Wong afirmou que não sabia onde ia exibir seu troféu, mas, ao pesar o objeto, fez piada. "É como uma arma medieval. Vou guardar num lugar seguro", disse. "Tenho crianças pequenas."

Porão da memória

Continuação da pág. C1

Neste ano, o golpe militar completa seis décadas. Mas não é a data que torna o tema da peça importante, diz Andrea Beltrão. Ela lembra que, há um ano, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram a sede dos três Poderes, em Brasília, num ato golpista.

Sob Bolsonaro, o Ministério da Defesa comemorou, por quatro anos seguidos, o dia 31 de março, a data do golpe que instaurou a ditadura. "A gente não caminhou no Brasil, e isso passa pela ausência de reparação", ela afirma. "Não fomos ao tribunal e não punimos quem matou e quem torturou."

Em outros países, o autoritarismo não foi tolerado. Na Argentina, por exemplo, 200 militares e civis foram condenados por envolvimento em prisões e torturas, de 1976 a 1983. No Brasil, a Lei da Anistia, sancionada em 1979 pelo então presidente João Batista Figueiredo, concedeu perdão a todos que cometeram crimes durante a ditadura.

A caixa-preta só foi aberta pela Comissão Nacional da Verdade, realizada no governo Dilma Rousseff, que apontou 434 casos de mortes e desaparecimentos, de 1946 a 1988.

Na visão de Beltrão, a Anistia foi necessária à redemocratização, mas as estruturas autoritárias do regime militar ainda persistem. "Eu moro em Copacabana", ela diz e logo emudece. Para um carioca, a informação diz muito. Na babel onde moram jornalistas, proxenetas e banqueiros, a atriz viu muitas pessoas erguerem, nos últimos anos, cartazes pedindo a volta do regime. "Muitas pessoas pediram o fechamento do Congresso, embaladas por um discurso de liberdade de expressão. Então, a ditadura não é uma questão resolvida."

A atriz vê o cotidiano de violência nas metrópoles brasileiras como uma herança autoritária. "Pretos morrem porque são pretos, mulheres morrem porque são mulheres e travestis morrem porque são travestis. Estamos num lugar ainda muito atrasado. Tem uma coisa que é estrutural. Não interessa aos poderosos mudar a estrutura."

A artista demonstra alívio com Lula, do PT, no Alvorada. Questionada se havia se decepcionado com o primeiro ano de Margareth Menezes como ministra da Cultura, a atriz responde que ainda é cedo para avaliar a gestão.

"Estou com muita paciência. A cultura estava nas mãos de André Porciuncula e Mário Frias, que faziam fuzil com a mão", diz. "Acho Margareth uma puta artista, que também é empreendedora. Acho que está num caminho legal."

Em "Lady Tempestade", Beltrão é apenas A, alter ego que recebe o diário de Mércia Albuquerque e dá vida às histórias que lê. O teatro é mesmo gentil com os fantasmas, como diz o texto de Silvia Gomez. Há um entrelaçamento entre as vidas de A e Albuquerque, na medida em que a atriz encarna a advogada e tantos outros vultos da ditadura, registrados no diário. Em cena, Beltrão só tem a companhia do filho mais velho, Francisco —ou F—, de 28 anos, que faz a sonoplastia.

No espaço vazio do Poeira, há a sugestão de uma sala de estar. O cenário se resume a um sofá azul claro, uma mesa, onde F se senta, um cachorro de plástico e um microfone num pedestal. Ali, A lê algumas passagens do diário, que se divide entre relato factual e poesia. Os episódios narrados na peça impressionam, tanto mais pela biografia de Albuquerque, que foi presa 12 vezes pelos "gafanhotos", como ela chamava os militares.

Formada em 1961, Albuquerque tem a trajetória toda condicionada pela luta política. A peça rememora o caso de Gregório de Bezerra, líder comunista preso, torturado e arrastado por um carro no Recife.

Albuquerque atuou ainda no caso de José Carlos Novaes da Mata Machado, também lembrado na peça. O militante da esquerda católica foi morto pelos militares. Na época, a versão oficial informou que Machado morrera num tiroteio, episódio falacioso que se tornou conhecido como Teatro do Caxangá. Em seu trabalho, a defensora negociava a revogação de prisões preventivas, garantia mantimentos aos presos e tentava absolvições.

Decerto, Albuquerque não se contentou em ser uma advogada. O texto dimensiona o trabalho da defensora como uma ajuda humanitária.

Continua na pág. C5



O ator João Côrtes, que estreia o monólogo 'Invisível', sobre relacionamento tóxicos, e integra os elencos das séries 'Rio Connection' e 'Encantado's', ambas no Globoplay Fotos Jonathan Wolpert/ Divulgação

João Côrtes faz monólogo e tece crítica à arte por erotizar homens

Ator, conhecido pelos comerciais da Vivo, investe em produtora e está nas séries 'Rio Connection' e 'Encantado's'

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO João Côrtes, de 28 anos, chega a uma cafeteria com um macacão que mais parece um vestido. Adequada ao corpo do homem ou da mulher, a peça é perfeita à indefinição do tempo que fazia no centro da capital paulista.

O sol penetrava as nuvens, na mesma intensidade com que o ator olhava a paisagem. Seus olhos parecem duas azeitonas verdes. "Busco provar a mim mesmo que posso ser protagonista da minha carreira", diz, sentado como iogue.

Nesses anos de aprendizagem, Côrtes espraia a sua imagem em séries e novelas, na TV aberta e nas plataformas de streaming. Mas, até agora, a indústria não deu a ele um papel de destaque, o que ele atribui às circunstâncias do mercado. Côrtes decidiu, então, voltar aos palcos, num monólogo, para ser enfim a estrela do próprio drama.

Apresentado em outubro no Festival Internacional de Teatro de Angra dos Reis, no litoral fluminense, "Invisível" entra em cartaz no Teatro Renaissance, em São Paulo. O texto de Moisés Bittencourt conta a história de Eduardo, personagem de Côrtes, que vive relação tóxica com Michel, seu namorado. Por vezes, o ator faz o papel do vilão, o que se anuncia pela iluminação. Nos mesmos matizes, o tema da masculinidade surge como pano de fundo.

Em casa, Eduardo não teve um bom exemplo. No início da peça, ele conta que via o pai batendo na mãe. As cenas de agressão se transmutariam no namoro. Michel não se aceita como homossexual e recrimina o comportamento efeminado do companheiro.

Se atualmente há canais para que mulheres denunciem os abusos dos maridos, pouco se fala sobre a violência doméstica que homens sofrem em relações homoafetivas. "Descobri que a culpa é também um pouco da vítima. A pessoa também se põe nesse lugar e acredita na mudança no comportamento do agressor", afirma. Do mesmo modo, a encenação busca provocar debates na comunidade gay.

Segundo o artista, há uma saturação de produtos culturais que erotizam o corpo masculino, incitando o desejo do público, normalmente formado por jovens gays, para obter sucesso comercial. "Sou 'fetichizado' pelos homens, de todas as idades, recebo mensagens nas redes sociais, embora não me considere um símbolo de beleza", diz.

Mas Côrtes gosta de provocar. Em "Invisível", ele simula sexo e, nas redes, ostenta a barriga sarada. Como boa parte dos jovens atores, Côrtes vê dilemas na exposição online.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4
Na peça, ela está sempre consolando a mãe de um militante assassinado ou inventando a alguma criança um motivo para o sumiço do pai. Albuquerque morreu em 2003, vítima de uma parada cardíaca.

Seu acervo, formado por cartas, documentos e o diário, foi doado para o Centro de Direitos Humanos e Memória Popular, do Rio Grande do Norte. Com a peça, Beltrão deseja dar uma contribuição à memória da ditadura militar. E acreditar no poder do teatro significa, em última instância, crer em seu país.

"Eu amo o Brasil. Não tenho nenhuma vontade de sair daqui. Detesto o raciocínio 'ai, aqui é uma derrota, ai, eu vou para a Europa porque a educação daqui é ruim'. Tenho orgulho de morar aqui. Gosto dessa gente misturada, desse caos e dessa zona", diz ela.

Em sua trajetória, ter fundado o Poeira, em 2005, com recursos seus e de sua amiga, a atriz Marieta Severo, talvez tenha sido a maior aposta no teatro e no Brasil. Mas nunca foi tão difícil manter o espaço.

Em agosto, o diretor Aderbal Freire-Filho, marido de Severo, que ali encenou, nos anos 2000, "Moby Dick" e "O Púcaro Búlgaro", morreu, vítima de um acidente vascular cerebral. "Não sei explicar o tamanho do buraco que fica sem ele. Muitas vezes eu penso 'ah, se o Aderbal estivesse aqui'. Socorro, tenho as lições dele na ponta da língua", diz.

Passava das oito da noite quando o ensaio terminou. Beltrão iniciou um debate sobre a peça. Era a tal criação de uma memória. Nenhum dos estudantes presentes viveu os anos de chumbo. Depois, todos caíram dentro da noite de Botafogo, não sem antes passarem pelo jardim, de onde pulula o nome "Aderbal", escrito em letras maiúsculas. As cinzas do diretor estão ali.

Só Beltrão e Yara de Novaes ficaram na sala. Novaes não vê incerteza no futuro do teatro brasileiro, com as mortes de Freire-Filho e Zé Celso, no ano passado, e de Antunes Filho, em 2019. "A premência hoje no teatro não é da linguagem, mas do poder de comunicação, feita por artistas que circulam por diversos meios", afirma a diretora. A própria Beltrão vai voltar a uma novela das seis depois de 25 anos.

Escrita por Mário Teixeira, "No Rancho Fundo" estreia em abril como uma adaptação da peça "Capital Federal", de Artur Azevedo. Na trama, Beltrão interpreta o papel de uma roceira. Na Globo, a atriz esteve nas novelas "Rainha da Sucata", "Pedra Sobre Pedra" e "Mulheres de Areia". Atuou em "A Grande Família" e conquistou o país interpretando a Sueli, em "Tapas e Beijos". Ela espera levar o seriado para as salas de cinema.

"Estou botando uma pilha em todo mundo, porque eu gostaria muito", diz. Em quatro décadas, sua carreira conjugou a natureza comercial da TV à vida intelectual. A recente publicação do texto de "Antígona: Ela Está Entre Nós", resultado de seu monólogo inspirado na tragédia de Sófocles, simboliza o sucesso longe das câmeras. Ela afirma, no entanto, que sua ida para a televisão não foi uma concessão artística, com o objetivo de ter uma vida mais estável.

A atriz conta que aprendeu muito com as novelas e as minisséries que fez ao longo de sua carreira. "A televisão me pagou as contas. Eu ajudei a fundar um teatro sem um centavo de lei de incentivo", afirma. "Não há concessão. A televisão pagou a minha vida."

> "No Brasil, não punimos quem matou e quem torturou. E isso passa pela ausência de reparação. Pretos morrem porque são pretos, mulheres morrem porque são mulheres. Travestis morrem porque são travestis. Estamos num lugar atrasado
>
> **Andrea Beltrão**
> atriz

Lady Tempestade
Direção: Yara de Novaes. Com: Andrea Beltrão. Teatro Poeira - r. São João Batista, 104, Rio de Janeiro. 12 anos. Qui. a sáb, às 21h. Dom., às 19h. R$ 50 a R$ 100



Continuação da pág. C4
Afinal, as fronteiras entre a carreira artística e a da influência digital estão borradas. Pelo Instagram, o artista pode divulgar o seu trabalho para quase 200 mil pessoas. Côrtes rejeitaria, no entanto, ser um influenciador. Ele diz que teria muita dificuldade, porque já sente um cansaço com as demandas das mídias.

Côrtes não escapa, porém, de sua geração. Foi pelo Instagram que, há quatro anos, resolveu fazer um textão para dizer que se entendia como gay. Ele diz ter pensando muito por que decidiu expor sua vida pessoal na internet, mas acredita ter feito a escolha correta. Em última instância, a publicação, ele diz, foi um gesto de afirmação política.

Além do teatro, o artista pode ser visto em "Rio Connection", no catálogo do Globoplay. Dirigida por Mauro Lima, a série tematiza o momento em que a máfia italiana usa o Rio de Janeiro como rota do tráfico de heroína para os Estados Unidos. A série é em inglês, mas o desafio de Côrtes, para encarnar o diplomata Alberto Martim, se concentrou no trabalho de pesquisa, para reconstituir a libertinagem do Rio dos anos 1970.

Também no Globoplay estreia neste semestre a segunda temporada de "Encantado's", uma série com cara de novela das sete, um degrau acima do naturalismo. Na produção, Côrtes vive Celso Tadeu, que na segunda temporada vai cantar e dançar, como num musical da Broadway, só que num subúrbio fictício no Rio.

Paulistano, Côrtes sempre quis ser artista, o que não foi um problema para o pai, que compõe trilhas para filmes, ou para a mãe, que é psicóloga.

Ele ficou conhecido em 2013, ano em que protagonizou dezenas de propagandas para operadoras de telefonia. Em dado momento, pensou que não escaparia da pecha de "ruivinho da Vivo", o que não se confirmou. Ele diz não se incomodar em ser lembrado pelo comercial. Pelo contrário, afirma ter orgulho do trabalho.

Naquele mesmo ano, já teria sua primeira experiência na televisão, participando da série "Três Teresas", do GNT. Três anos depois, encarnou Giuseppe em "Sol Nascente", contracenando com Aracy Balabanian e Francisco Cuoco. Côrtes também é lembrado pelo trabalho na série "O Negócio", que se estendeu por três temporadas na HBO.

Nos últimos anos, emendou filmes, como "Amor.com" e "Ninguém Entra, Ninguém Sai", e dublagens para filmes infantis. Com tantas ocupações, o teatro, arte que o formou desde o colégio, ficou em segundo plano, sobretudo com a fundação de sua produtora, em 2019. Tendo a empresa, ele pôde dirigir o filme que criou, "Nas Mãos de Quem Me Leva", em 2021. "Tive um orgasmo. Gostei muito de dirigir atores", lembra o ator.

Morando entre São Paulo e Rio de Janeiro, Côrtes passa temporadas nos Estados Unidos, onde estuda teatro. O artista segue uma rotina rígida, com meditação e exercícios físicos. Agora, a volta ao teatro também tem a ver com imagem. "As pessoas me associam à comédia", diz. "Não quero isso agora. Querô o drama."

> "Sou 'fetichizado' pelos homens, recebo mensagens nas redes sociais, embora não me considere um símbolo de beleza
>
> As pessoas me associam à comédia, mas não quero isso, quero o drama agora
>
> **João Côrtes**
> ator

Invisível
Direção: Moisés Bittencourt. Com: João Côrtes. Teatro Renaissance - al. Santos, 2.233, São Paulo. 16 anos. Sáb. e dom., às 20h. De 13 de janeiro a 13 de março. R$ 50 a R$ 100

Confissões esdrúxulas

Tudo que é bonito demais também é perigoso

Manuela Cantuária

Roteirista e escritora, é criadora da série "As Seguidoras", e trabalha com desenvolvimento de projetos audiovisuais

Fui uma criança cruel. Entrava escondida no quarto da minha irmã, enquanto ela dormia no berço, beliscava seu braço gordinho para que ela acordasse chorando e eu pudesse niná-la e enchê-la de beijinhos. Quando ela voltava a dormir, eu fazia tudo de novo.

Desejo coisas medíocres. Na última vez que vi uma estrela cadente, pedi que em minha casa aparecessem mais lagartixas. Não me sinto digna de fazer demandas trabalhosas a um corpo celeste em combustão, ao universo, ou a aquele que chamamos de Deus.

O mundo tem humanos desejantes demais e lagartixas de menos. Lagartixas são desapegadas, capazes de abandonar parte do próprio corpo e se regenerar com impressionante facilidade. São ótimas companhias —silenciosas, rebolativas, e ainda dão cabo dos mosquitos.

Coleciono coisas inúteis. Fitas cassete, por exemplo. Meu toca-fitas é como uma criança travessa. Quando ele fica em silêncio, sei que está fazendo merda. Sempre enrola minhas fitas e assim vem destruindo minha coleção, que se torna cada vez mais inútil.

As fitas que não foram inutilizadas não podem ser tocadas, porque meu tocafitas é ineficaz. Acho que insisto em colecionar cassetes porque me identifico com elas: não são funcionais e por fora, parecem resistentes, por dentro, são muito frágeis.

Junho é o meu mês preferido. Sei que soltar balões é crime. Conheço uma mulher que teve a casa incendiada por um balão e perdeu tudo, fizemos uma vaquinha para ajudá-la. Ainda assim me emociono quando vejo um balão no céu. Eles me lembram que tudo o que é bonito demais também é perigoso.

Rodas de samba me deixam triste e feliz ao mesmo tempo. Todo samba nasce de uma tristeza e explode numa alegria insuportável, numa dinâmica lagarta-borboleta. Imagino o sambista compondo como um médico escreve uma receita médica: para aplacar a dor é preciso isso e aquilo. No caso do sambista, o atendimento é mais caloroso, sem dúvidas.

Detesto conhecer pessoas novas. Não porque não gosto de pessoas, muito pelo contrário. Quando gosto de uma pessoa, gosto dela ao ponto de vestir sua pele com o júbilo de quem desfila com uma roupa nova. Mas às vezes ela sufoca, penica, limita meus movimentos. E não está sujeita à troca. Quer dizer, podemos até trocar uma pessoa pela outra, mas é um processo bem mais burocrático.



Silvis

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Drama premiado em Sundance e cotado ao Oscar chega à TV paga

Mil e Um
Telecine Cult, 22h, 14 anos
Recém-saída da prisão, uma mãe solteira sequestra seu filho pequeno do sistema de adoção, onde ele seria entregue a outra família. Os dois então passam anos mudando de endereço em Nova York, até que o garoto se torna um jovem superdotado. Inédito no Brasil, o filme de estreia de A.V. Rockwell ganhou o Grande Prêmio do Júri no Festival Sundance do ano passado, e a atriz Teyana Taylor está cotada ao Oscar.

Afire
Reserva Imovision, 12 anos
No mais recente filme do diretor alemão Christian Petzold, um jovem escritor com bloqueio criativo vai passar férias na casa de amigos, no litoral do mar Báltico. Paixões e ciúmes eclodem dentro da casa, enquanto lá fora a floresta ameaça arder por causa dos dias quentes e sem chuva.

Do Outro Lado da Dor
Netflix, 14 anos
Daniel Levy, da série "Schitt's Creek", escreve, dirige e interpreta o protagonista de seu longa de estreia —um homem que tenta superar o luto pela morte inesperada do marido. Para aliviar a barra, ele convida seus dois melhores amigos para uma viagem a Paris, onde verdades incômodas serão reveladas. Com Ruth Negga e Himesh Patel.

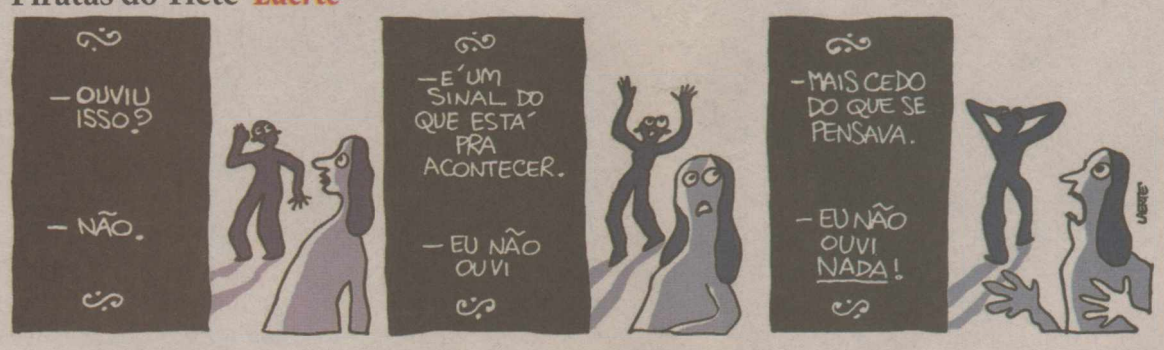
DR com Demori
TV Brasil, 22h, livre
Leandro Demori conversa com o jornalista e escritor Cesar Calejon sobre assuntos como desigualdade, empreendedorismo e meritocracia. Autor do livro "Esfarrapados", Calejon analisa como a sociedade contemporânea transforma pessoas em produtos.

Scooby-Doo: O Mistério Começa
SBT, 23h15, livre
Como Salsicha, ainda adolescente, conheceu seu cão? É o que conta este filme com atores, em que só Scooby-Doo é feito em computação gráfica.

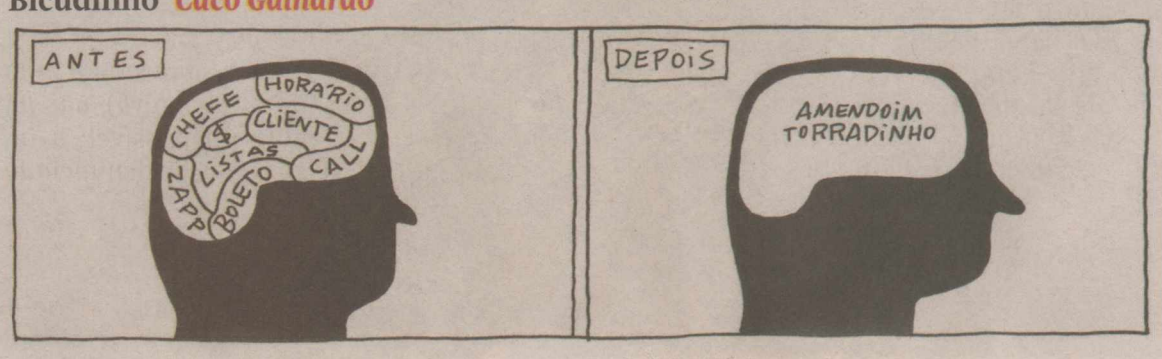
O Bandido da Luz Vermelha
Itaú Cultural Play, grátis
O diretor Rogério Sganzerla morreu há 20 anos. Para marcar a data, chega à plataforma seu filme mais famoso, rodado em 1968, quando Sganzerla tinha apenas 22 anos. No elenco estão Paulo Villaça, Helena Ignez e Sergio Mamberti.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*



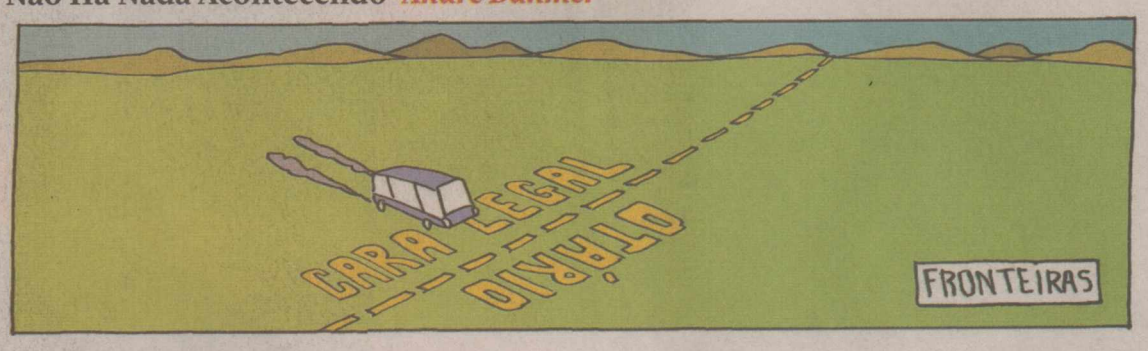
Bicudinho *Caco Galhardo*



Níquel Náusea *Fernando Gonsales*



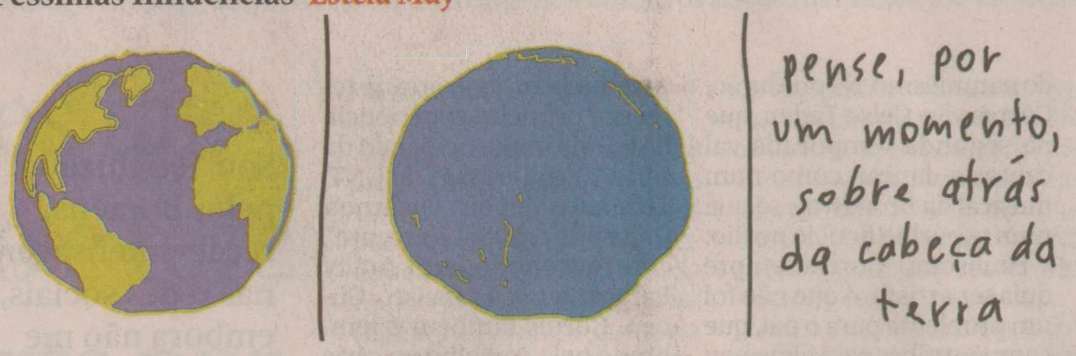
Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*



Viver Dói *Fabiane Langona*



Péssimas Influências *Estela May*



Vida Besta *Galvão Bertazzi*



SUDOKU

texto.art.br/fsp

MÉDIO

8		1						6
	2		1	4			3	
						8	1	2
	9			2		7		
7	1		9		4		8	3
		4		6			2	
2	7	5						
	3			1	5		6	
1						3		5

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

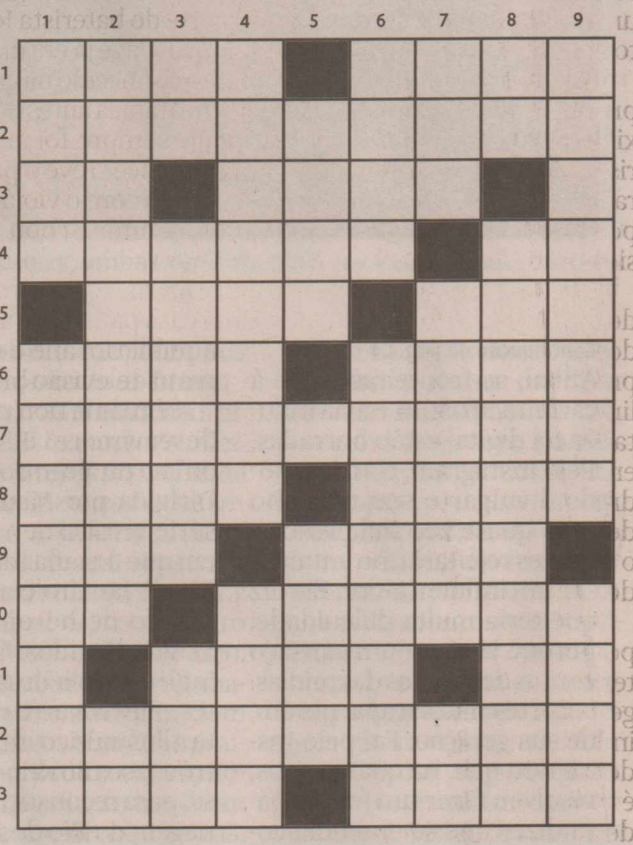
SOLUÇÃO

8	5	1	3	2	4	9	6	7
4	3	9	6	5	7	8	1	2
2	7	6	8	9	1	4	5	3
5	8	4	9	3	6	7	2	1
1	2	3	7	4	5	6	9	8
7	9	6	1	8	2	5	3	4
3	4	7	5	6	9	1	8	2
9	6	2	4	1	8	3	7	5
6	1	5	2	7	3	4	9	8

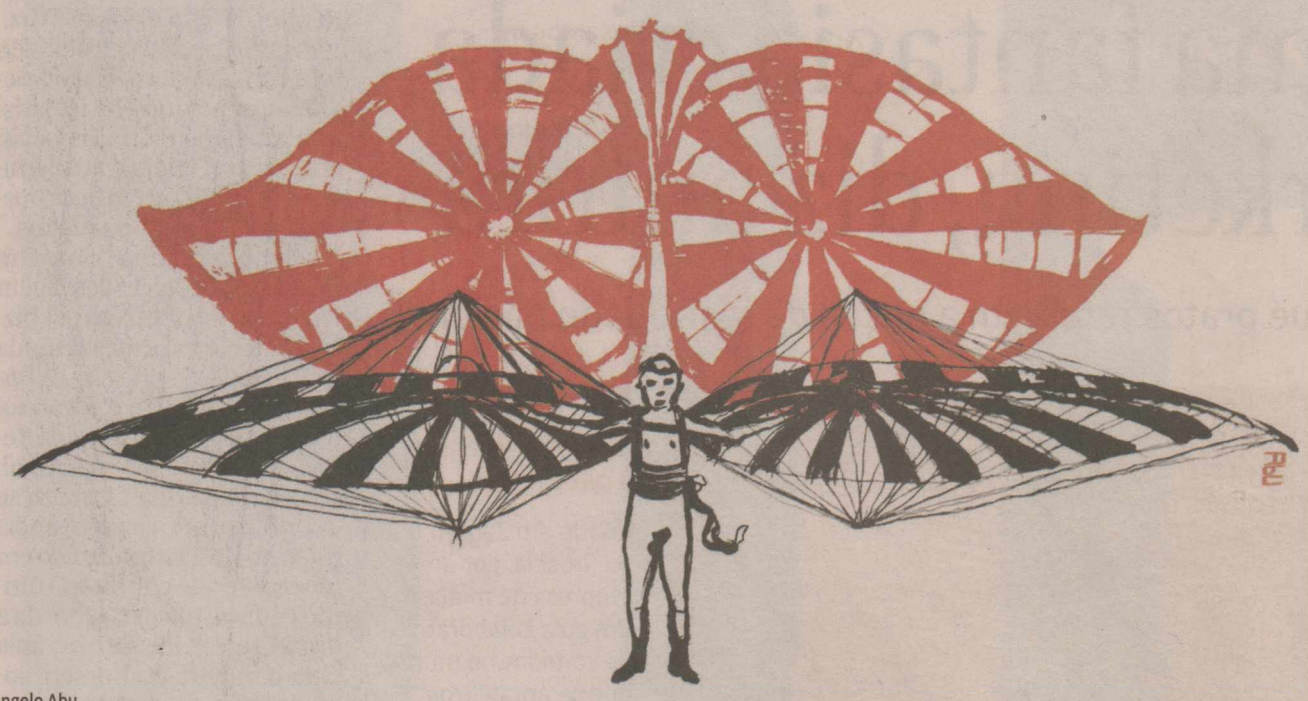
CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Ingl.) Apartamento, com serviços de hotel / O tempo passado **2.** Substância que previne ou faz regredir o acúmulo anormal de gorduras no fígado **3.** Inezita Barroso (1925-2015), cantora e apresentadora / De má índole **4.** Os aceleradores da bicicleta / As iniciais da atriz estadunidense Bullock, de "Gravidade" **5.** Penedo / Maior **6.** Nação com capital Bamaco / Maçã do rosto **7.** Governo baseado exclusivamente em dados da moral **8.** O músico mineiro Wagner, do "Clube de Esquina" / Comer a terceira das maiores refeições **9.** Mãe de filhos pais / O Haley (1925-1981), um dos criadores do rock and roll **10.** Sílaba que se repete em abóbora / As últimas competições **11.** Outro nome da lagartixa / Um apelido para José **12.** Próximo do habitual, porém abaixo ou aquém dele **13.** € / Sufixo aumentativo feminino.

VERTICAIS
1. Festa Literária Internacional de Paraty / Passagem de uma ideia que vem sendo apresentada para outra **2.** Que livra de obrigação / As vogais de mutum **3.** Astor Piazzolla (1921-1992), músico argentino / Feito com vontade de prejudicar / Abrev.: Grã-Bretanha **4.** Da região do peito e costelas / Alimento de ruminantes **5.** Planta de cerca viva / Tubo metálico para encher de ar bolas usadas em esportes como vôlei e basquete **6.** A membrana que limita a pupila / Desumano, desalmado **7.** Um título honorífico aplicado a monarcas e príncipes ou a membros da nobreza / Erva usada para chás medicamentosos e para encher travesseiros / Abreviatura inglesa de mister (senhor) **8.** (Mús.) Abreviatura de opus (obra) / Coletivizar, estatizar **9.** Escurecer / Peça sobre a qual o cavaleiro se senta.



HORIZONTAIS: 1. Flat, Idos, **2.** Lipotropo, **3.** IB, Ruim, **4.** Pedais, SB, **5.** Roca, Mor, **6.** Mali, Face, **7.** Etocracia, **8.** Tiso, Cear, **9.** Avó, Bill, **10.** Bo, Finais, **11.** Geco, Zé, **12.** Subnormal, **13.** Euro, Arra.
VERTICAIS: 1. Flip, Metabase, **2.** Liberativo, Uu, **3.** AP, Doloso, Gbr, **4.** Torácico, Feno, **5.** Tuia, Bico, **6.** Íris, Facinora, **7.** Dom, Macela, Mr, **8.** Op, Socializar, **9.** Sombrear, Sela.



Angelo Abu

Nanni Moretti e a melancolia

A queda do Muro de Berlim marca um naufrágio profundo

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Você conhece aquela história do alfaiate da cidade alemã de Ulm que sonhava voar?

Estamos em 1592. O alfaiate constrói uma máquina com asas. O bispo, confrontado com semelhante soberba, condena os sonhos do alfaiate.

Mas ele não desiste: para provar que o voo humano é possível, resolve saltar da janela da catedral com a sua máquina.

Para usar um eufemismo, não corre bem. O bispo tinha razão. Mas, no longo prazo, séculos depois, os homens podem voar. O alfaiate, no fim das contas, foi um visionário.

A história é contada por um poema de Bertolt Brecht que o ensaísta italiano Enzo Traverso recorda no seu notabilíssimo "Melancolia de Esquerda" (Âyiné, 495 págs.). A história do alfaiate pode ser entendida como uma metáfora do comunismo. No curto prazo, falhou. No longo, quem sabe?

Entendo a lógica da pergunta. Nunca me convenceu. Existe uma diferença fundamental entre nos arriscarmos por um sonho (voar) e arriscar milhões de seres humanos (obrigados a voar com a gente).

A história do alfaiate de Ulm só faria sentido como metáfora do comunismo se, no momento em que ele salta, arrastasse para a morte toda a cidade de Ulm na sua máquina, bispo incluso —um gesto suicida e homicida que, entendo, não ficaria bem num poema de Brecht.

Seja como for, Enzo Traverso não tem ilusões: o século 21, ao contrário dos dois anteriores, começou sem uma utopia mobilizadora. Nos inícios do século 19, havia o legado da Revolução Francesa. Nos inícios do século 20, as promessas da Revolução Russa.

Mas a queda do Muro de Berlim marca um naufrágio profundo —ou, voltando ao título do ensaio, uma melancolia profunda.

Claro: a esquerda revolucionária teve naufrágios anteriores. A esse respeito, Enzo Traverso recorda 1848, a Comuna de Paris em 1871 ou a "revolta espartaquista" de 1919, que terminou com o assassinato de Rosa Luxemburgo às mãos das "Freikorps".

Porém, todas essas derrotas transportavam um gérmen de esperança. Em rigor, não foram derrotas; apenas etapas no caminho da vitória final.

Depois de 1989, parece não haver esperança ou futuro. E, quando não há futuro, só há passado. Esse é o motivo pelo qual a "vítima" se converteu na figura capital do nosso tempo.

Foi assim que, segundo o autor, o Gulag substituiu a revolução; o Holocausto substituiu a luta antifascista; e a escravidão substituiu o anticolonialismo. A "ética da esperança" deu lugar a uma esmagadora "ética da responsabilidade".

Pessoalmente, não vejo um retrocesso. Pelo contrário: em política, a responsabilidade deve vir primeiro que a esperança.

Mas os melancólicos de esquerda não se conformam com a perda —e Nanni Moretti é o maior melancólico que existe. O seu mais recente filme, "O Sol do Futuro", ilustra o que digo.

Na história, encontramos um diretor de cinema (Moretti "lui même", como Giovanni) que pretende contar o impacto da invasão soviética da Hungria, em 1956, no Partido Comunista Italiano. Como conciliar os mais elevados padrões humanistas com aquela exibição de brutalidade pura?

Para a camarada Paola (Barbora Bobulova), não há conciliação possível: a invasão deve ser denunciada nos termos mais severos.

Para o camarada Ennio (o sempre impagável Silvio Orlando), não é possível ter razão fora do partido: se o líder Palmiro Togliatti apoia Moscou, quem são eles para se oporem?

Apesar da sua ortodoxia, a fé de Ennio vacila. E o filme —atenção ao spoiler!— deveria ter terminado com seu suicídio.

Porém, o diretor não aceita esse final. Prefere outro: Ennio marcha com Paola contra o PCI e a decência triunfa. Em 1956, lemos nos créditos finais, o PCI condenou a invasão soviética da Hungria.

Acontece que, na realidade, não condenou: em 1956, a liderança do PCI esteve ao lado de Nikita Khrushchev, apesar dos críticos internos.

A história alternativa de Nanni Moretti pode aliviar a sua melancolia de esquerda. Mas, quando assistia à resolução do filme, não pude deixar de pensar que Moretti, ironicamente, apenas replica a velha técnica stalinista de reescrever o passado de acordo com as conveniências do presente.

Haverá forma mais desonesta de lidar com a melancolia de esquerda?

Como escreve Enzo Traverso, propondo um novo ânimo para a esquerda do século 21, "o luto é inseparável da esperança".

Mas não há luto em Nanni Moretti, razão pela qual a esperança soa tão falsa e infantil.

Em 1592, morreu em Ulm um alfaiate que sonhava voar. A cidade inteira morreu com ele. Quem afirma que o voo foi um sucesso apenas profana as suas memórias.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | **QUA. Wilson Gomes** | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Jimmy Page, aos 80, se consagra como ídolo além do Led Zeppelin

Criador de 'Stairway to Heaven' e riffs poderosos foi um dos artistas mais requisitados do metal nos anos 1960

André Barcinski

PARATY (RJ) Quem lembra a icônica cena da comédia "Quanto Mais Idiota Melhor" em que os metaleiros vividos por Mike Myers e Dana Carvey entram na loja de guitarras para testar instrumentos e acham uma placa que diz "proibido tocar 'Stairway to Heaven'"?

A piada brinca com a onipresença dessa canção no léxico de dez entre dez guitarristas de rock. Nesta terça-feira, Jimmy Page, o responsável por essa e tantas outras músicas marcantes, faz 80 anos.

Quando se faz qualquer lista de maiores guitarristas de todos os tempos, Page está sempre lá. Em 2015, a revista Rolling Stone publicou uma lista dos melhores —Page ficou em terceiro, atrás de Jimi Hendrix e Eric Clapton. Oito anos depois, a mesma publicação o manteve em terceiro, atrás de Chuck Berry e Hendrix.

Se listas existem para gerar polêmicas, um fato é incontestável —James Patrick Page é um dos guitarristas mais influentes da história. Criador de riffs poderosos de guitarra, é o primeiro herói e modelo de quase todos os jovens que começam a aprender guitarra, junto a Keith Richards, dos Rolling Stones, e Tony Iommi, do Black Sabbath, só para citar dois músicos que ajudaram a criar o bê-a-bá do gênero.

Page ficou superfamoso com o Led Zeppelin, banda que inventou, inclusive escolhendo todos os outros três companheiros. Mas o Zep só durou pouco mais de uma década, de 1968 a 1980, quando teve a trajetória interrompida com a morte do baterista John Bonham. E Page já era um nome muito conhecido na cena musical britânica antes do grupo.

Page sempre foi autodidata e precoce. Teve o primeiro encontro com o violão aos 12 anos, quando achou um instrumento surrado deixado por um antigo morador de uma casa para onde a família se mudou. Um ano depois, já estava na televisão britânica, tocando "Mama Don't Want to Skiffle Anymore" e "Cottonfields" no programa All Your Own. Aos 15 anos, já trabalhava como músico de estúdio.

Em 1965, Eric Clapton deixou o grupo Yardbirds, que convidou então Page para o lugar que ficara vago. Page recusou, em solidariedade ao amigo. Ele tinha 21 anos e já era um dos músicos de estúdio mais famosos do Reino Unido.

Na verdade, Page tinha se aposentado do palco aos 19 anos, após penar em várias bandas. Decidiu que seria só músico de estúdio. Era tão bom que produtores o chamavam para gravar partes que os guitarristas não conseguiam ou para sugerir melhorias.



O guitarrista Jimmy Paige Reprodução

No livro "Luz e Sombra: Conversas com Jimmy Page", o autor Brad Tolinski faz uma estimativa inacreditável. Page teria tocado, como músico de estúdio e sem crédito nos discos, em 60% dos compactos de rock gravados na Grã-Bretanha no início dos anos 1960.

Ele sempre teve uma autoconfiança tão grande que beirava a petulância. Em 1963, tocou guitarra na faixa instrumental "Diamonds", lançada por Jet Harris e Tony Meehan. A música foi um enorme sucesso, ficando no topo da parada britânica de compactos por três semanas.

Harris era um guitarrista famoso, membro da banda The Shadows. Mas, quando um repórter entrevistou Page, então com 19 anos, para um programa sobre músicos de estúdio e o perguntou como era tocar com ídolos do gênero, ele respondeu que era decepcionante. "Quando você trabalha com eles, descobre que não são aquilo que esperava."

Quando cansou do trabalho em estúdio, Page achou que estava na hora de pôr em prática o plano de dominação do rock e criou um monstro chamado Led Zeppelin.

Em "Luz e Sombra", ele diz a Tolinski que criou o Zep parte a parte, escolhendo os músicos e inventando não só o som do grupo, mas seu visual, a postura no palco e a grandiosidade dos shows. Controlava tudo. Tanto que pagou, do próprio bolso, a gravação do primeiro disco.

Música à parte, o Led Zeppelin inventou os clichês da banda porra-louca que vivia num dia a dia de orgias, drogas e "groupies". As histórias lendárias de turnês incluíam hotéis destruídos, pedaços de peixes usados como objetos sexuais e a conhecida ligação de Page com magia negra —ele era seguidor do ocultista Aleister Crowley.

Como Keith Richards, outro maluco que ninguém achava que chegaria aos 30, Jimmy Page hoje é um octogenário.

comida

Culinária típica é uma fantasia criada com a ajuda do marketing, diz autora

No livro 'National Dish', Anya von Bremzen afirma que pratos reforçam a noção de identidade nacional

Daniel Buarque

SÃO PAULO Depois de um ano marcado por polêmicas em torno de rankings de comidas, como o caso do cuscuz paulista apontado como o pior prato do país, as culinárias italiana, japonesa e grega acabaram listadas como as melhores do mundo pelo site Taste Atlas (o Brasil ficou em 12º).

Apesar da grande atenção dada a esse tipo de lista na internet, pode-se argumentar que toda a ideia de uma comida típica é uma fantasia.

"Quanto mais pesquiso a relação entre nações e comidas, mais essa ideia parece artificial", afirma a escritora russo-americana Anya von Bremzen, em entrevista à **Folha**. Apesar do que chama de compulsão das pessoas em vincular cada comida a seu lugar, essa conexão tem mais a ver com mito e marketing do que com fatos históricos, diz.

Autora do livro "National Dish" (ed. Penguin Press; 352 págs.; 2023), ou prato nacional, ela viajou por seis países em busca das histórias das suas comidas mais típicas.

A obra, ainda sem versão em português, aponta que a maioria desses pratos nacionais é recente e promovida na tentativa de reforçar uma identidade nacional. É o caso da pizza na Itália, do rámen no Japão e mesmo da feijoada no Brasil.

"Como símbolo nacional, a comida carrega a carga emocional de uma bandeira e de um hino, aquelas tradições inventadas, cruciais para construir e sustentar uma nação e suas raízes históricas", diz. Entretanto, esses pratos são "impulsionados por forças comerciais, campanhas de marca-país e ideias neoliberais".

A chave da questão, segundo Bremzen, vem do estudo sobre a própria ideia de construção de nação e nacionalismos a partir de estudos consagrados de acadêmicos como Benedict Anderson (1936-2015) e Eric Hobsbawm (1917-2012).

"As pessoas tendem a projetar nossa ideia moderna de uma nação com fronteiras e Estados para uma época em que isso não existia. A realidade era muito diferente em países como Itália e França, mesmo nos séculos 18 e 19", diz.

Este processo se acelerou ainda mais no fim dos anos 1980, quando diferentes países viram na defesa das suas tradições (inventadas) uma forma de ganhar poder econômico por mecanismos de proteção. "Tratava-se de defender bens culturais, seu valor econômico e de colocar um selo que diz 'isto é nosso'", diz.

Em sua pesquisa, Bremzen foi a Paris, Nápoles, Tóquio, Sevilha, Oaxaca (no México) e Istambul, comeu comidas locais, entrevistou chefs e acadêmicos e mergulhou em uma busca pela história das receitas.

O livro funciona como um interessante diário de viagem em torno de pratos como pizza, rámen, tapa e mezze. Cada prato é desmistificado, apontando sua origem e como foi usado nesse processo de reforçar a identidade nacional.

Além disso, ela também se debruça sobre a importância do símbolo gastronômico em momentos de conflito. O último capítulo do livro aborda a disputa entre Rússia e Ucrânia pela bandeira do borsch, sopa de carne e legumes como beterraba. Desde o início da guerra, o Kremlin promove a ideia de que o prato tem origem russa, enquanto a Unesco o reconhece como ucraniano.

Mesmo sem incluir o Brasil em seu estudo, Bremzen conta que veio várias vezes ao país e comeu feijoada pela primeira vez no Copacabana Palace nos anos 1980. Para ela, o prato nacional brasileiro também é uma construção.

"A feijoada é um caso realmente interessante, promovida no início do século 20 na tentativa de criar um símbolo do Brasil. Era apenas um prato básico de feijão que existia no imaginário popular e, com a ajuda de elites românticas pós-coloniais, foi transformado em símbolo nacional."

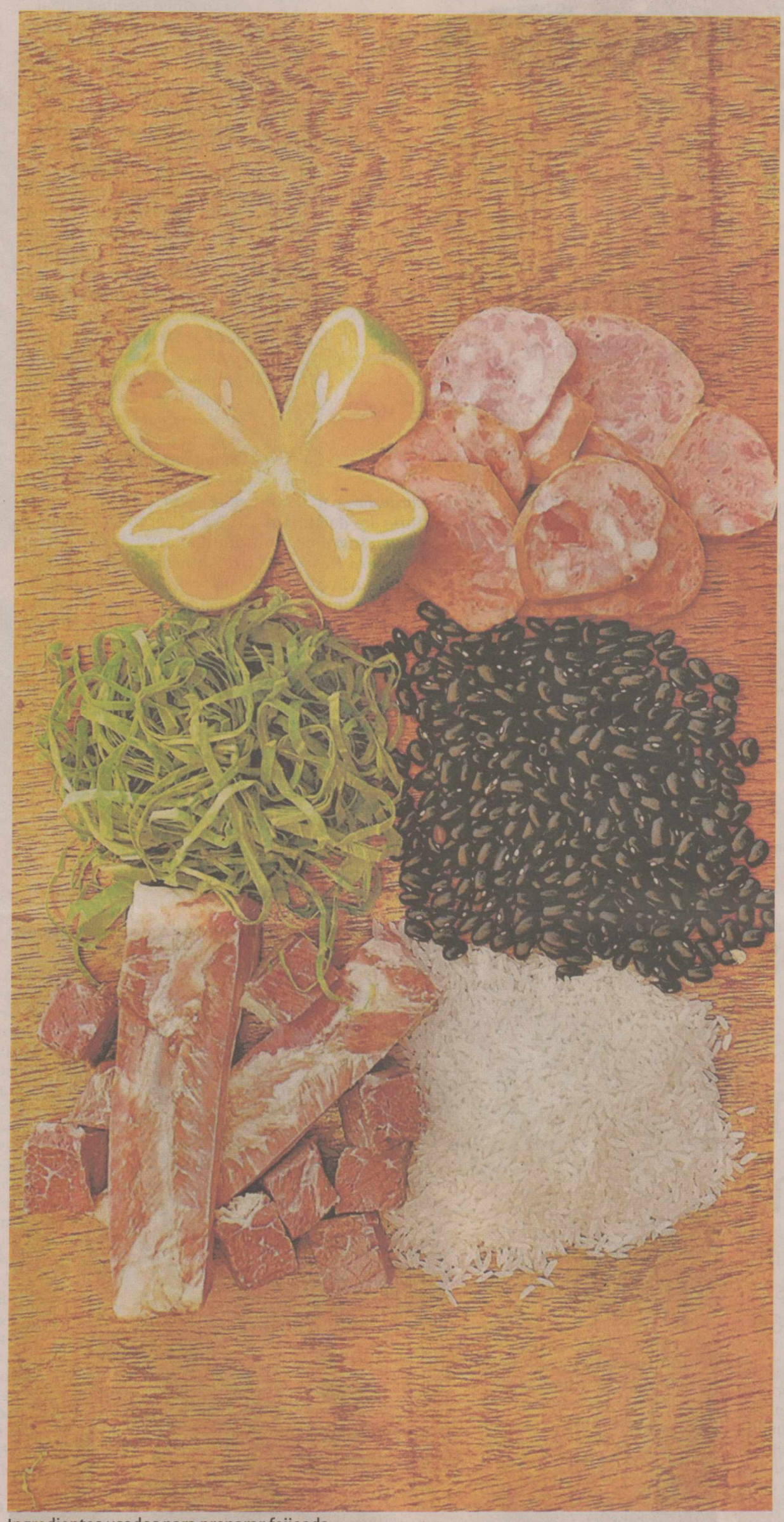
Apesar de sua pesquisa desconstruir esses símbolos, Bremzen diz que rituais têm seu valor. "Algo pode ser uma tradição inventada, mas criar raízes e se tornar parte da celebração nacional e parte de uma espécie de consumo ritualista. É um processo fluido, de criação de identidades, de marcas, de cozinhas", diz.

Por mais que chame a ideia de autenticidade na busca pelos pratos tradicionais apenas de ferramenta de marketing, ela diz acreditar que vale a pena viajar buscando conhecer comidas —mas que não é necessário se apegar à ideia das raízes históricas e intocáveis.

"A internet está transformando a comida em algo completamente transnacional. Há uma grande fluidez. Podemos comer qualquer coisa em qualquer lugar".

Essa fluidez, explica, é positiva e pode levar a misturas entre as culturas gastronômicas que rompem as regras e levam à popularidade de pratos como o estrogonofe no Brasil, rámen no México e outras comidas que podem ser criticadas como "bastardos" dos pratos originais.

"Misturar culturas é parte natural do processo. Falar sobre apropriação cultural quando tratamos de comidas é vazio. Precisamos falar sobre injustiças raciais, de classe e desequilíbrios de poder, mas não em torno de uma discussão sobre 'quem roubou o espaguete de quem'", diz.



Ingredientes usados para preparar feijoada Gui Mohallem/Folhapress

O que é o Taste Atlas

Criado em Zagreb, na Croácia, por uma empresa de mídia, é um guia colaborativo de comidas no mundo que se notabilizou pelos rankings de melhores e piores pratos. A plataforma lista pratos, restaurantes e até culinárias nacionais: são mais de 10 mil alimentos e bebidas

Qualquer usuário, leigo ou não no assunto, pode dar uma nota de 0 a 5 estrelas aos itens. Basta se cadastrar no site. É justamente por essa facilidade que o ranking costuma ser criticado.

O site mantém 103 pratos do Brasil listados, dos quais os cinco melhores são picanha, churrasco, pão de queijo, fraldinha e coxinha

Não dá para saber o número de votos, só a média de estrelas que cada alimento recebeu. A picanha recebeu 4.7 de nota, enquanto o cuscuz paulista, pivô da recente polêmica, pontuou 2.9 — em novembro, ele estava com 3.1. O prato de SP só está à frente do coxão mole, que atingiu apenas 2.5 estrelas. O modelo de votação faz com que os rankings sejam dinâmicos, mudando em pouco tempo

Na França, o líder ainda é o châteaubriand (4.6), um corte de bovino servido com béarnaise, molho de manteiga clarificada com gema de ovo, vinagre de vinho branco e aromatizado com ervas. No outro extremo da lista, com 2.4 estrelas, aparecem as endívias, espécie de chicória, com presunto

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira
folha.com/receitasdomarcao

Tempere o churrasco com pimenta coreana para variar

Nós brasileiros tendemos a achar que churrasco é coisa nossa. Mas é fato que quase toda cultura tem sua modalidade de carne feita na brasa —eu mesmo fiz, para a Copa de 2018, uma reportagem sobre o churrasco dos russos.

Um dos churrascos internacionais mais bacanas é o coreano. São Paulo tem vários restaurantes dessa especialidade, já que a cidade abriga uma numerosa comunidade de imigrantes e descendentes.

Enquanto o churras brasileiro tem uma sequência que vai do pão de alho à picanha, os coreanos jogam mil comidas de uma só vez sobre a mesa —é o banchan, acompanhamentos de conservas, panquequinhas e outras delícias.

Além disso, a carne chega crua e fatiada à mesa. Cada pessoa prepara o próprio churrasco num fogareiro que fica no centro da mesa.

O que proponho aqui é algo intermediário, uma mistura marota do Brasil com a Coreia. Churrasco à brasileira com tempero coreano, para variar o cardápio de verão.

Há alguns temperos clássicos. Um deles é adocicado, com shoyu e purê de pera, usado para a carne de boi. Para aves e porco, combina perfeitamente o tempero picante.

A receita da vez é uma marinada apimentada para temperar frango, costelinha, pancetta e até frutos do mar. Eu usei nas coxinhas da asa.

A base do tempero é um negócio chamado gochujang: uma pasta vermelha, feita com missô, pó de pimenta e outros paranauês. Quase toda mercearia oriental tem e também dá para comprar online.

De qualquer modo, dá para improvisar misturando ingredientes menos específicos.

Não se assuste: é um tempero picante e vermelhão, que arde, mas não machuca. É, sobretudo, muito saboroso (o missô o torna algo especial).

Aí você assa sua carninha do jeito que achar melhor. O tempero serve também para receitas de forno, air fryer ou mesmo na frigideira. E serve o churrasco coreano-brasileiro com kimchi, farofa, soju, caipirinha, o que der na telha.



Coxinha com molho coreano
Marcos Nogueira/Folhapress

Tempero coreano para churrasco

Rendimento: 500 g de frango ou porco

Dificuldade: fácil

Ingredientes

Para a pasta de pimenta
- 50 g de missô
- 1 dente de alho triturado
- 1 colher (chá) de pimenta caiena
- 2 colheres (sopa) de páprica picante ou doce
- 2 colheres (sopa) de mel ou xarope de glucose

Para a marinada
- 2 colheres (sopa) de gochujang ou pasta caseira de pimenta
- colher (sopa) de alho triturado
- 50 ml de shoyu
- 1 colher (sopa) de mel
- 1 colher (chá) de óleo de gergelim
- Pimenta-do-reino e cebolinha verde a gosto

Modo de fazer
- Se for fazer a pasta de pimenta, misture os ingredientes até obter um creme liso e homogêneo. Guarde na geladeira até o dia seguinte
- Misture os ingredientes e distribua o tempero sobre a carne de sua preferência
- Antes de grelhar, deixe pegar gosto por pelo menos duas horas